



**CONHECIMENTO DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM ACERCA DO
ALEITAMENTO MATERNO: REVISÃO INTEGRATIVA**

Andréia Bolsoni Bolsatto^a, Rossano Sartori Dal Molin^{b*}

a) Enfermeira graduada pela FSG – Centro Universitário.

b) Doutor em Saúde da Criança pela PUCRS. Professor do Curso de Enfermagem da FSG – Centro Universitário.

Informações de Submissão

*Autor correspondente (Orientador)
Rossano Sartori Dal Molin, endereço: Rua Os
Dezoito do Forte, 2366 - Caxias do Sul - RS -
CEP: 95020-472

Palavras-chave:

Aleitamento Materno. Equipe de Enfermagem.
Unidade de Terapia Intensiva Neonatal.

Resumo

Introdução: O aleitamento materno repercute no estado nutricional da criança, em sua habilidade de defender-se de infecções, em sua fisiologia e no seu desenvolvimento cognitivo e emocional. Objetivo: Avaliar o conhecimento dos profissionais de enfermagem acerca do aleitamento materno. Método: Revisão integrativa embasada em artigos científicos, pesquisados no LILACS e SCIELO. Critérios de inclusão: artigos escritos em português, publicados entre 2014 e 2019 e gratuitos. Critérios de exclusão: textos incompletos e indisponíveis, não relacionados com o tema e de língua estrangeira. Foram mantidas as ideias, conceitos e definições dos autores. Resultados: Os profissionais de enfermagem devem orientar as nutrizes quanto à importância, prevenção e promoção do AM, sempre se mostrando disponível para sanar as dúvidas e dificuldades, objetivando o êxito do AM. Considerações finais: A equipe de enfermagem é o principal ponto de apoio que a mãe tem no ambiente hospitalar, cabendo-lhe a oferta de atenção e esclarecimento de dúvidas.

1 INTRODUÇÃO

Em nossa sociedade, laços fortes costumam unir mães e filhos, e um dos fatores mais importantes para essa aproximação é o aleitamento materno. Desde o primeiro instante de vida, o recém-nascido (RN) por instinto busca o seio da mãe para saciar-se. Nesse momento encontra, além de alimento, afeto e carinho (GORGULHO, 2008).

Amamentar é muito mais do que nutrir a criança. É um processo que envolve interação profunda entre mãe e filho, repercutindo no estado nutricional da criança, em sua habilidade de defender-se de infecções, em sua fisiologia e no seu desenvolvimento cognitivo e emocional (BRASIL, 2018).

Segundo Brasil (2018) a recomendação é que a mãe amamente seu filho até os dois anos de idade ou mais, e que nos primeiros 6 meses, a criança receba somente leite materno, sem necessidade de sucos, chás, água e outros alimentos. Quanto mais tempo mamar no peito, melhor para ele e para a mãe. Depois dos 6 meses, a amamentação deve ser complementada com outros alimentos saudáveis e de hábitos familiares.

O leite materno é a melhor escolha para o recém-nascido pré-termo (RNPT), criança nascida antes de 37 semanas de gestação. O aleitamento materno (AM) supre as necessidades e deve ser o alimento de escolha, pois contém mais proteínas, lipídeos e calorias quando comparado ao leite de mães de recém-nascido a termo (RODRIGUES, 2013).

A sistematização do alojamento conjunto prevê um local favorável para o estímulo da prática do aleitamento materno por proporcionar maior interação e comunicação entre mães e filhos. Nesse ambiente, além dos cuidados biológicos necessários à mulher e ao RN, existe a necessidade de uma assistência humanizada, na qual os profissionais incentivem o empoderamento das mulheres para tomada de decisão em relação a sua prática de amamentação (BATISTA, 2017).

Nesse momento é necessário que o enfermeiro enfatize a importância do AM e da convivência da mãe com o RN na unidade de terapia intensiva neonatal (UTIN), pois trará benefícios para a recuperação e prevenção de doenças no RN, visando o planejamento de intervenções não somente durante a internação, mas preparando essa mãe para o momento da alta hospitalar.

Nos dias atuais, o tema amamentação é amplamente abordado, principalmente nos canais de comunicação, mas muitas vezes as informações não são verídicas, há vários mitos que ainda circulam pela mídia. Cabe aos profissionais da saúde alertarem sobre o tema, abordando o que é realmente verídico e auxiliarem as mães nesse processo tão importante da vida, tanto dela como dos RNs. A partir da vivência como acadêmica em prática disciplinar e da necessidade de informação às mães, surgiu o interesse pelo tema, para o Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), levando em consideração também o aprendizado sobre o assunto.

Os profissionais da saúde, por meio de suas ações e do papel que desempenham, influenciam diretamente no início e na duração da amamentação. Sabe-se que as atividades de promoção, incentivo e apoio são essenciais para o sucesso do AM e que o

modelo de trabalho atual tende a privilegiar a prática do enfermeiro focada na dimensão biológica em detrimento das demais dimensões humanas (LEAL, 2016).

Diante do exposto destaca-se a importância de estudos com RNs prematuros e como os profissionais de enfermagem abordam o tema amamentação com as mães nesse período de internação. Perante as informações citadas acima e da relevância do tema, o presente estudo teve como objetivo: Avaliar o conhecimento dos profissionais que integram a equipe de enfermagem acerca do aleitamento materno.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Aleitamento materno

A amamentação é o ato mais natural e o melhor alimento para o RN devido aos benefícios nutricionais, emocionais e econômicos. Além disso, ela promove estímulos neurais que favorecem um adequado crescimento e desenvolvimento. O AM traz benefícios ímpares, principalmente para prematuros, levando a maiores índices de inteligência e de acuidade visual; melhora do sistema imunológico, devido a grande oferta de imunoglobulinas; promove maior proteção contra infecções, flatulência (gases), diarreia ou constipação; melhora a digestão e traz como benefício a ausência de fatores alergênicos; diminui o risco de falência respiratória, apnéia e displasia broncopulmonar; reduz o risco de obesidade (SILVA, GUEDES, 2013).

Ainda segundo Silva e Guedes (2013) o AM favorece, também, a mobilidade, tonicidade e postura dos órgãos fonoarticulatórios, devido ao esforço para conseguir sugar o leite do peito materno; promove uma satisfação oral máxima ao RN, além de possibilitar estímulos táteis, visuais, auditivos, base para o desenvolvimento emocional, perceptivo, motor, cognitivo e físico.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2018), amamentar tem vantagens também para a mãe, pois ela sente-se mais segura e menos ansiosa, faz queimar calorias e por isso ajuda a mulher a voltar ao seu peso inicial, ajuda o útero a regressar ao seu tamanho normal mais rapidamente, diminui o sangramento pós-parto, protege do cancro da mama que surge antes da menopausa e do cancro de ovário, protege também da osteoporose e da anemia (deficiência de ferro), pois as mulheres que amamentam demoram mais tempo para ter menstruações.

O leite em pó é muito diferente do leite materno e a sua utilização tem riscos para o RN, pois é feito a partir de leite de vaca e aumenta o risco de desenvolver alergia, otites, amigdalites, bronquiolites, pneumonias, diarreias, infecções urinárias, sepse. Além disso, as infecções surgem com maior gravidade, porque o seu sistema imunológico não recebe a ajuda dos anticorpos, glóbulos brancos e outros fatores de imunidade presentes no leite materno. Estão ainda mais suscetíveis a desenvolver Diabetes tipo I (insulino-dependente) e de ter obesidade na vida adulta (OMS, 2018).

Pesquisas nos mostram que o AM exclusivo em RN prematuros tem baixa adesão devido às barreiras hospitalares, à imaturidade fisiológica e neurológica do prematuro, à falta de orientação e à insegurança materna em lidar com seu filho, diminuição do tônus muscular, hiper-reatividade aos estímulos do meio ambiente, inadequação das funções de sucção-respiração-deglutição, fatores culturais (uso de chupeta e mamadeira) e crenças, a promoção comercial de fórmulas lácteas infantis, o trabalho materno fora do lar, a falta de informação a respeito do AM e as práticas inadequadas dos profissionais de saúde. Um número elevado de prematuros que se encontram internados em UTIN não recebe leite materno, sendo estes privados da melhor possibilidade de nutrição e proteção (SILVA, GUEDES, 2013).

2.2 Equipe de enfermagem diante do aleitamento materno

No Brasil, a porcentagem de AM é de 41%, sendo que a média de duração deste é de 54, 1 dias, mas esta prática ainda está longe do ideal, sendo o desmame precoce influenciado por diversos aspectos tais como: apoio fornecido às mulheres, introdução precoce de outros alimentos e orientações fornecidas durante o período gestacional e o puerpério (BATISTA, et al, 2017).

Para que a amamentação seja bem sucedida, é necessário que a equipe de enfermagem crie um bom vínculo com a nutriz e seus familiares, caracterizado pela escuta ativa e sensível, pautada na humanização e na mudança de vida que ocorrerá após o nascimento. É necessário, portanto, sistematizar o cuidado para a promoção, proteção e apoio ao AM, considerando os significados, crenças e valores dos envolvidos nessa prática (TEIXEIRA, et al, 2017).

O enfermeiro tem um papel significativo no incentivo ao AM, auxiliando, orientando, acolhendo e apoiando essa puérpera em cada momento do cuidado, pois ela encontra-se num período de fragilidade devido à transição ao papel materno. Por vezes as orientações fornecidas são bem sucintas, focando somente no posicionamento,

vantagens e desvantagens, indicações e contraindicações, propriedades nutricionais do leite materno, desconsiderando muitas vezes o contexto vivido pelas mulheres e principalmente os fatores socioculturais que a cercam (BATISTA, et al, 2017).

Os RNs que ficam internadas na UTIN apresentam dificuldades no início e na continuação do AM, dificuldades estas vivenciadas também por suas mães. É necessário promover e apoiar a alimentação adequada, fornecendo informações e suporte para o manejo do AM, almejando a sua efetivação (RODRIGUES, et al, 2013).

A OMS/UNICEF (2018) nos traz os dez passos para o sucesso da amamentação, são eles:

1. Ter uma norma escrita sobre AM, a qual deve ser rotineiramente transmitida a toda a equipe de cuidados de saúde.
2. Treinar toda a equipe de cuidados de saúde, capacitando-a para implementar esta norma.
3. Informar todas as grávidas atendidas sobre as vantagens e a prática da amamentação.
4. Ajudar as mães a iniciar a amamentação na primeira meia hora após o parto.
5. Mostrar às mães como amamentar e como manter a lactação, mesmo que tenham de ser separadas de seus filhos.
6. Não dar ao RN nenhum outro alimento ou bebida além do leite materno, a não ser que seja por indicação médica.
7. Praticar o alojamento conjunto - permitir que mães e os RNs permaneçam juntos 24 horas por dia.
8. Encorajar a amamentação sob livre demanda (sempre que o RN quiser).
9. Não dar bicos artificiais (tetinas) ou chupetas a crianças amamentadas.
10. Encorajar a criação de grupos de apoio à amamentação, para onde as mães devem ser encaminhadas por ocasião da alta hospitalar.

Muitas vezes, as mulheres desconhecem o contexto da amamentação ou ainda não estão prontas para tal ato, o que as deixam mais vulneráveis a apresentarem dificuldades e dúvidas ao longo do processo. O profissional de saúde tem um papel importante na prevenção e intervenção das dificuldades relacionadas ao AM, o que requer conhecimentos, atitudes e habilidades específicas. Deve-se auxiliar a nutriz a viver a amamentação de um modo mais saudável, mais integrada consigo mesma, fato que, certamente, será útil para que ela possa amamentar seu RN em todos os sentidos:

biológico, sensorial e psíquico. Qualquer profissional, engajado no incentivo ao AM (fonoaudiólogo, odontólogo, médico, enfermeiro, entre outros) pode ser o responsável em desenvolver o empoderamento da mulher em relação à amamentação. Todos podem conscientizar sobre as condições em que se processa o desenvolvimento das estruturas do sistema estomatognático durante a primeira infância (CASTELLI, MAAHS, 2014).

O puerpério, período compreendido após o parto, é reconhecido como um momento crítico e de modificações biológicas e psicológicas, assim como de inserção social, em que a mulher vivencia as primeiras demandas da maternidade, amamentação, banho e cuidado com o recém-nascido (RN) e a necessidade de seu próprio autocuidado (MERCADO, et al, 2017).

Nesse período, é comum que a puérpera se sinta emocionalmente vulnerável perante a insegurança, ansiedade e dúvidas que permeiam tanto o cuidado com o RN quanto os reajustes familiares necessários e o autocuidado. Ademais, a mãe pode apresentar momentos de dependência dos cuidados de enfermagem oferecidos a ela e ao seu filho, momentos que são decisivos para que o enfermeiro direcione um cuidado que atenda às necessidades de ambos (MERCADO, et al, 2017).

Alguns prematuros não possuem maturidade anatômica e fisiológica suficiente para realizar a sucção, deglutição e respiração, fato que os leva a utilizar sondas orogástricas e impossibilita a amamentação ao seio. Nesse período as mães vivenciam a prática da ordenha, ação que exige empenho e treinamento, para que seja oferecido leite materno ao RN. É nessa fase que o enfermeiro da UTIN deve se fazer presente, orientando e estimulando o aleitamento materno, colocando à disposição equipamentos e profissionais qualificados para o treinamento adequado, uma vez que é durante esse período de internação que as mães podem apresentar problemas em manter a amamentação (BEZERRA et al., 2017).

3 METODOLOGIA

A metodologia desenvolvida para a realização dessa pesquisa foi a revisão integrativa embasada em artigos científicos encontrados nas bases de dados do LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e Biblioteca Científica Eletrônica Online (SCIELO), através dos cruzamentos dos descritores: Aleitamento Materno, Equipe de Enfermagem, Unidade de Terapia Intensiva Neonatal.

Foram utilizados como critérios de inclusão, os artigos escritos no idioma português e publicados entre 2014 e 2019 e disponíveis de forma gratuita. E como critérios de exclusão: textos incompletos e indisponíveis, os que não estavam relacionados com o tema e de língua estrangeira, logo depois, os artigos foram lidos e analisados criteriosamente.

Durante a coleta de dados, foram definidos os critérios, citados acima, para busca dos trabalhos que farão parte da revisão integrativa (COOPER, 1982).

Foi utilizado um instrumento para registro das informações que foram extraídas dos artigos, após foram avaliadas criticamente de acordo com a metodologia proposta por COOPER (1982).

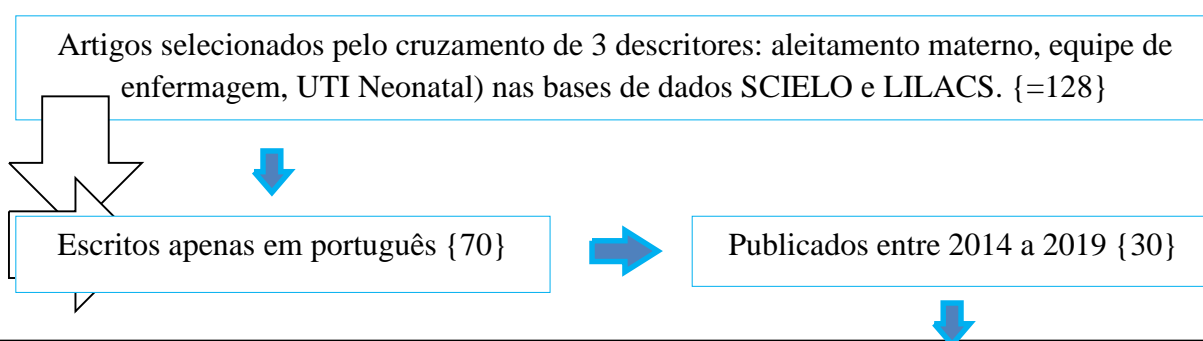
De acordo com COOPER (1982), o propósito dessa etapa é sintetizar e comparar os dados. Para fins de análise, foi elaborado um quadro substancial com as informações da pesquisa e a interpretação dar-se-á à luz dos referenciais teóricos inerentes ao tema, com a finalidade de responder à pergunta da pesquisa. Ainda para análise, utilizou-se a proximidade entre os achados, elencando os resultados por meio de categorias analíticas.

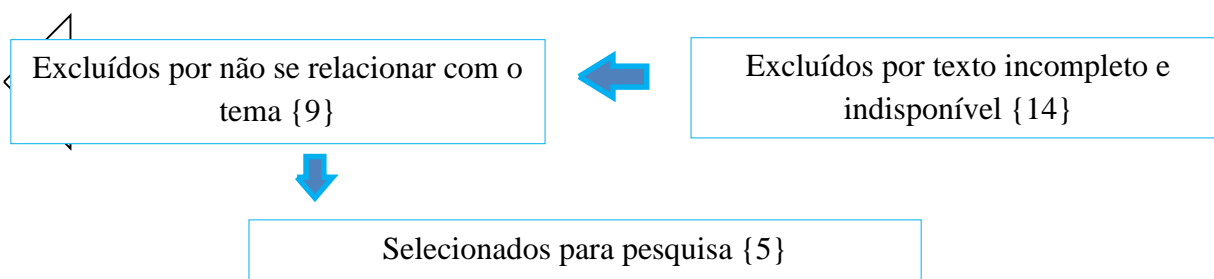
Os aspectos éticos foram preservados na medida em que foram mantidos a autenticidade das ideias, conceitos e definições dos autores pesquisados. Por se tratar de uma pesquisa na qual o material é de domínio público, torna-se dispensável aprovação em Comitê de Ética.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Conforme mencionado anteriormente, os artigos selecionados para a revisão foram pesquisados nas bases de dados SCIELO e LILACS, através dos descritores: Aleitamento Materno, Equipe de Enfermagem, Unidade de Terapia Intensiva Neonatal, como mostrado na figura abaixo:

Figura 1: Fluxograma de pesquisa





Fonte: Acadêmica pesquisadora

Através da escolha criteriosa, foram selecionados 5 artigos para a construção do artigo de revisão, após foi elaborado o quadro a seguir onde estão elencadas as informações sobre os autores, ano de publicação, objetivo, metodologia e síntese dos resultados.

Quadro 1: Instrumento da coleta de dados

Título/ revista	Autores/ano	Objetivo	Metodologia	Resultados
Capacitação de profissionais de saúde em aleitamento materno e sua associação com conhecimentos, habilidades e práticas. Ciência & Saúde Coletiva	Patricia Carvalho de Jesus, Maria Inês Couto de Oliveira, José Rodrigo de Moraes. 2017	Analisar a associação entre a capacitação em aleitamento materno e os conhecimentos, as habilidades e as práticas de profissionais de saúde que atuam na assistência a gestantes, mães e bebês em hospitais.	Estudo transversal. Foram utilizados questionários estruturados, adaptados do questionário de reavaliação da IHAC para entrevista aos profissionais de saúde quanto aos conhecimentos, habilidades e práticas relativos aos Dez Passos para o Sucesso do Aleitamento Materno.	Os conhecimentos mais difundidos entre os profissionais de saúde foram os relativos à oferta de outro alimento interferindo na amamentação (95,3%) e à causa principal do ingurgitamento Mamário (93,0%), enquanto 75,8% conheciam a principal causa de dor no mamilo e 62,8% a causa mais comum para a baixa produção de leite materno. Menos da metade dos profissionais

				(48,1%) responderam adequadamente às quatro questões que aferiram o conhecimento.
Cuidado de enfermagem às mães de recém-nascidos pré-termo para manutenção da lactação: estudo fenomenológico. REME • Revista Mineira de Enfermagem.	Tatiane Correa Trojahn, Andressa Peripolli Rodrigues, Tassiane Ferreira Langendorf, Cristiane Cardoso de Paula, Ívis Emília de Oliveira Souza, Stela Maris de Mello Padoin. 2018	Compreender o significado do cuidado de enfermagem prestado às mães de recém-nascido pré-termo para manutenção da lactação na perspectiva dos profissionais de enfermagem que atuam em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal.	Estudo com abordagem fenomenológica, fundamentada no referencial de Martin Heidegger. Realizada entrevista com 10 profissionais de enfermagem entre abril e agosto de 2013, em Hospital Universitário do interior do Rio Grande do Sul, Brasil.	As profissionais indicam que a importância do aleitamento materno provém de sua experiência como mãe e como profissional, aprendendo com colegas, mães e conhecimento científico, modificando sua visão da amamentação do recém-nascido de risco, abrindo-se para possibilidades de atuação para manutenção da lactação.
Insucesso na amamentação do prematuro: alegações da equipe. Semina: Ciências Biológicas e da Saúde.	Roberta Tognollo Borotta Uema, Mauren Teresa Grubisich Mendes Tacla, Adriana Valongo Zani, Sarah Nancy Deggau Hegeto de Souza, Edilaine Giovanini Rossetto, Juliana Cristina Trevisan Santos. 2015	Desvelar as experiências de profissionais de saúde de uma Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) frente a situações de insucesso na amamentação do recém-nascido pré-termo.	Estudo descritivo de abordagem qualitativa. As entrevistas foram realizadas no próprio ambiente de trabalho, com auxílio de um roteiro semiestruturado, testado previamente com uma entrevista-piloto.	A equipe alega que o desinteresse e o despreparo emocional de algumas mães estão dentre os fatores que podem interferir no processo da amamentação. Os sujeitos deste estudo reconhecem que as delicadas

				circunstâncias da internação do prematuro abalam o equilíbrio psicológico materno, mas apontam que muitas vezes a opção em não amamentar parte da própria mãe e que sem a colaboração desta, o trabalho da equipe sozinha acaba sendo em vão.
Manejo clínico da amamentação: atuação do enfermeiro na unidade de terapia intensiva neonatal. Revista de enfermagem da UFSM	Suzana de Souza Baptista, Valdecyr Herdy Alves, Rosângela de Mattos Pereira de Souza, Diego Pereira Rodrigues, Amanda Fernandes do Nascimento da Cruz, Maria Bertilla Lutterbach Riker Branco. 2015	Compreender o manejo clínico da amamentação realizado pelos enfermeiros na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal do Hospital Universitário Antônio Pedro da Universidade Federal Fluminense.	Estudo descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa, mediante entrevista semiestruturada com 11 enfermeiras atuantes da referida Unidade, cujos depoimentos foram submetidos à análise de conteúdo na modalidade temática.	Foram obtidas duas categorias: as estratégias de orientação dos enfermeiros no manejo clínico da amamentação na UTI Neonatal; e Rede de promoção e apoio à nutriz na alta hospitalar: um caminho para o sucesso da amamentação. Ambas enfocam as orientações como estratégia para o incentivo e apoio ao aleitamento materno.
Representações do cuidado de Enfermagem às mães para a manutenção da	Daiani Oliveira Cherubim, Andressa Peripolli Rodrigues, Cristiane Cardoso de Paula, Stela Maris	Descrever o cuidado de Enfermagem, desenvolvido pelos profissionais no cotidiano	Estudo descritivo de abordagem qualitativa, constituído por dez profissionais de	A ordenha mamária, a escuta atenta e de zelo que fazem parte dos cuidados de Enfermagem para a

lactação na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal. Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online.	de Mello Padoin, Tatiane Correa Trojahn, Flavia Pinhão Nunes de Souza Rechia. 2018	assistencial da Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN), para a manutenção da lactação.	Enfermagem, no período de fevereiro de 2013, e analisados por meio de categorias temáticas.	manutenção da lactação. As vivências e as experiências dos profissionais de Enfermagem mostraram-se influenciadoras no cuidado e na promoção da oferta do leite materno ao recém-nascido pré-termo.
---	--	--	---	---

Fonte: Acadêmica pesquisadora

Após a leitura dos artigos, organizou-se os resultados de acordo com a proximidade dos temas, originando três categorias, sendo elas: a importância do aleitamento materno, o autocuidado e a capacitação profissional, que serão descritas abaixo.

1 - Importância do aleitamento materno

Orientar a nutriz para a importância da prática do aleitamento materno constitui a possibilidade de promover a educação em saúde, com as orientações adequadas acerca da posição do bebê e da pega correta. Além disso, as orientações iniciadas ainda durante a internação da criança podem contribuir para sanar dúvidas e superar obstáculos que possam impedir o sucesso da prática da amamentação, e, ainda, para prevenir problemas mamários que possam dificultar o AM. Assim, o desafio dos profissionais de enfermagem da UTIN continua sendo a manutenção do AM. Observar as características adequadas para vincular um cuidado integral na saúde materna e infantil possibilita ao enfermeiro desenvolver atenção eficaz e acolhedora em prol da qualidade no cuidado, buscando sempre a promoção e o apoio à amamentação como qualidade de vida para a mãe e seu bebê (BAPTISTA, 2015).

O processo de estabelecimento da amamentação do prematuro se inicia logo após o nascimento, momento no qual a mãe é abordada e orientada a realizar a ordenha manual e a armazenar o leite de maneira adequada para enviar a seu bebê que está internado. Quando o bebê passa por todas as intercorrências advindas da internação, tanto a mãe como a equipe ficam ansiosos para iniciar o AM e torcem pelo seu sucesso (UEMA,

2015).

Contudo, a falta de apoio ao AM na UTIN e as críticas, quando os profissionais oferecem uma atenção voltada à mãe, são algumas das dificuldades enfrentadas por eles (profissionais). A falta de habilidade no aconselhamento, a dificuldade com a escuta atenta por parte da Enfermagem, e a crença de que o diálogo não faz parte do cuidado na UTIN dificultam a este profissional oferecer o apoio necessário, a fim de que a nutriz mantenha a lactação e amamente e ainda, limite o seu cuidado (CHERUBIN, 2018).

2 - Autocuidado

Além da realização do autocuidado, a mãe é vista como alimentadora de seu filho. A responsabilidade de ordenhar o leite, para que o RN receba os nutrientes necessários é explicitada logo que ele interna na unidade. Para que o sucesso na ordenha seja garantido, é necessário que haja um diálogo com a mãe. Desse modo, o profissional consegue uma aproximação e permite que ela se sinta à vontade em expor seus medos e dúvidas (CHERUBIM, 2018).

Segundo Trojahn et al. (2018) a vivência de ser mãe e amamentar, revela um cuidado diferenciado, pois a profissional entende a mãe que não consegue amamentar e respeita sua decisão. Acolhe, apoia, conversa e escuta a mãe para amenizar o seu sofrimento durante a passagem pela UTIN. Ainda revela que ao ajudar e ensinar a mãe ela sente-se bem, realizada, gratificada e com sensação de missão cumprida, pois está orientando algo que é importante para a saúde do RN. Seu cuidado demonstra amor, carinho e zelo à mãe e à criança. É dedicação e respeito à profissão (TROJAHN, 2018).

3 - Capacitação profissional

O conhecimento do processo de aleitamento é importante na atuação dos profissionais de enfermagem envolvidos na promoção, incentivo e apoio da amamentação. Então, a abordagem correta sobre o tema, ainda durante a internação, torna-se necessária visando a alta hospitalar. Proporcionar orientações e auxílio às nutrizas é essencial, em especial apresentando-lhes a rede de cuidado da atenção básica de saúde, nos bancos de leite humano e na própria maternidade, já que um dos principais obstáculos para o desmame precoce é a desinformação e a falta de apoio às nutrizas em relação ao AM (BAPTISTA, 2015).

A capacitação adequada mostrou uma associação direta significativa com o conhecimento, as habilidades e as práticas profissionais em AM, fundamentais na assistência às gestantes, mães e bebês. A capacitação de profissionais de saúde tem sido

um fator fundamental para a melhoria dos conhecimentos, habilidades e práticas profissionais e hospitalares. Um maior tempo de trabalho foi um fator que contribuiu para o conhecimento em AM, mas se associou a um menor relato de prática profissional de orientação às nutrizes sobre o seu manejo. A equipe de enfermagem é mais sensível e disponível à participação em capacitações sobre AM, podendo também o ser para orientar as nutrizes no manejo da amamentação (JESUS, 2017).

No entanto, deve-se salientar a importância da capacitação e do envolvimento de todas as categorias profissionais na orientação às gestantes e nutrizes sobre os benefícios e o manejo do AM para que a equipe tenha um discurso semelhante, pois orientações discordantes são pouco efetivas, diminuindo a duração da amamentação e trazendo insegurança às mães (JESUS, 2017).

Portanto, para que se promova a inserção da família no cuidado ao RN, é necessária a realização de ações de educação em saúde, por meio da troca de experiências, do esclarecimento de dúvidas e da realização de orientações. Acredita-se que essa troca de experiência entre os pais, aliada à orientação de Enfermagem, são importantes, com vistas à promoção do AM e ao apoio ainda no ambiente hospitalar (CHERUBIM, 2018).

A capacitação adequada em AM contribui para os conhecimentos, as habilidades e as práticas profissionais que são fundamentais à assistência a gestantes, mães e RNs. Visando o aprimoramento das práticas assistenciais de promoção, proteção e apoio à amamentação, recomenda-se a capacitação profissional continuada, dentro dos princípios da Educação Permanente em Saúde (JESUS, 2017).

Entende-se, portanto, que os profissionais de enfermagem devem orientar as nutrizes quanto à importância, prevenção e promoção do AM, sempre se mostrando disponível para sanar as dúvidas e dificuldades, objetivando o êxito do AM.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que o maior tempo de trabalho influencia negativamente nas orientações fornecidas às mães, pois beneficia na prática, mas é falho na questão de orientar e demonstrar a forma correta de amamentar. Necessita-se, nesse caso, uma auto avaliação, tanto da parte da equipe, quanto individual, em relação às orientações necessárias, pois a nutriz talvez não saiba a forma correta de posicionar seu filho e de como ele deve abocanhar o mamilo podendo causar lesão, impedindo a continuidade da amamentação.

Os profissionais de enfermagem devem estar sempre preparados, participando de treinamentos que abordam o AM, para que possam orientar adequadamente as nutrizes e sanar todo e qualquer tipo de dúvida que ela tiver, para que ela se sinta preparada e segura para dispor à seu filho do melhor alimento que ele pode ter, o leite materno.

Conclui-se então, que a equipe de enfermagem deve sempre estar ao lado das nutrizes e dos RNs, cabendo a ela o compromisso de estar disponível a orientar e, deixar claro e objetivo, a forma correta da amamentação para que a mãe se sinta acolhida e pronta para o sucesso do AM.

6 REFERÊNCIAS

BAPTISTA, S. S., ALVES, V. H., SOUZA, R. M. P., RODRIGUES, D. P., CRUZ, A. F. N., BRANCO, M. B. L. R. Manejo clínico da amamentação: atuação do enfermeiro na Unidade de terapia intensiva neonatal. **Rev Enferm UFSM** 2015 Jan/Mar;5(1):23-31.

BATISTA, M. R., VELEDA, A. A., COELHO, D. F., CORDOVA, F. P. **Orientações de profissionais da saúde sobre aleitamento materno: o olhar das puérperas**. J Nurs Health; 2017.

BEZERRA, M. J.; CARVALHO, A. C. O.; SAMPAIO, K. J. A. J.; DAMASCENO, S. S.; OLIVEIRA, D. R.; FIGUEIREDO, M. F. E. R.; Percepção de mães de recém-nascidos prematuros hospitalizados acerca da amamentação. **Revista baiana de enfermagem**, v. 31, n. 2, 2017.

Brasil - **Ministério da Saúde**. [Acesso em 04/09/2018]. Disponível em <<http://portalms.saude.gov.br/saude-para-voce/saude-da-crianca/aleitamento-materno>>.

CASTELLI, C. T. R, MAAHS, M. A. P., ALMEIDA, S. T. Identificação das dúvidas e dificuldades de gestantes e puérperas em relação ao aleitamento materno. **Revista CEFAC**; v.16, n.4, p.1178-86, 2014.

CHERUBIM, D. O., RODRIGUES, A. P., PAULA, C. C., PADOIN, S. M. M., TROJAHN, T. C., RECHIA, F. P. N. S. Representações do cuidado de Enfermagem às mães para a manutenção da lactação na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal. **Rev Fun Care Online**. 2018 out/dez; 10(4):900-905.

COOPER, H. M. Scientific guidelines for conducting integrative review. **Review of education research**GORGULHO, F. R., PACHECO, S. T. A. **Amamentação de prematuros em uma unidade neonatal: a vivência materna**. Esc Anna Nery Rev de Enf. 2008; 12(1): 19 – 24.

JESUS, P. C., OLIVEIRA, M. I. C., MORAES, J. R. **Capacitação de profissionais de saúde em aleitamento materno e sua associação com conhecimentos, habilidades e práticas**. Ciência & Saúde Coletiva, 22(1):311-320, 2017.

LEAL, C. C. G., MACHADO, M. O. F., OLIVEIRA, L. C. Q., MONTEIRO, J. C. S., LEITE, A. M., SPONHOLZ, F. A. G. **Prática de enfermeiras na promoção do aleitamento materno de adolescentes brasileiras.** Ciencia y enfermeria XXII; 2016.

MERCADO, N. C., SOUZA, G. D. S., SILVA, M. M. J., ANSELONI, M. G. Cuidados e orientações de enfermagem às puérperas no alojamento conjunto. **Revista de enfermagem UFPE on line.**, Recife, v.11(Supl. 9), p.3508-15, set., 2017.

Organização Mundial da Saúde. Disponível em <<http://www.leitematerno.org/oms.htm>>. Acesso em 20/09/2018.

RODRIGUES, A. P., MARTINS, E.L., TROJAHN, T. C., PADOIN, S. M. M., PAULA, C. C., TRONCO, C. S. Manutenção do aleitamento materno de recém-nascidos pré-termo: revisão integrativa da literatura. **Rev Eletr de Enf.**2013; 15(1):253-64.

SILVA, W. F. GUEDES, Z. C. F. Tempo de aleitamento materno exclusivo em recém-nascidos prematuros e a termo. **Revista CEFAC**, v.15, n.1,p.160-71, 2013.

TEIXEIRA, M. A., et al. Cuidar em enfermagem às famílias que vivenciam a amamentação. **Revista de enfermagem UFPE on line.**, Recife, v.11(Supl. 8),p.3190-7, ago., 2017.

TROJAHN, T. C., RODRIGUES, A. P., LANGENDORF, T. F., PAULA, C. C., SOUZA, I. E. O., PADOIN, S. M. M. Cuidado de Enfermagem às mães de recém-nascidos pré-termo para manutenção da lactação: estudo fenomenológico. **REME – Rev Min Enferm.** 2018.

UEMA, R. T. B., TACLA, M. T. G. M., ZANI, A. V., SOUZA, S. N. D. H., ROSSETTO, E. G., SANTOS, J. C. T. **Insucesso na amamentação do prematuro: alegações da equipe.** Semina: Ciências Biológicas e da Saúde, Londrina, v. 36, n. 1, supl, p. 199-208, ago. 2015.